



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

setembro | 2025

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsionial, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No **Oeste**, verificou-se ao longo do mês uma variação diária significativa das temperaturas máximas, mais acentuada a partir do dia 15. O período mais quente decorreu nos dias 16 a 19, com temperaturas superiores a 30°C. Embora as temperaturas máximas em alguns dias tenham sido bastante elevadas para a época, apresentaram valores médios apenas ligeiramente acima do normal para a época. As temperaturas mínimas seguiram a mesma tendência de oscilação diária, mas com variações menos acentuadas e com tendência de descida a partir do final da segunda semana. Na primeira metade do mês foi frequente o registo de temperaturas mínimas elevadas para a época, acima de 15°C, e a partir do dia 15 houve uma tendência de descida, com arrefecimentos noturnos significativos ocorridos entre os dias 22 e 27, período em que se registaram temperaturas inferiores a 7,2°C, bastante abaixo do normal para a época.

As amplitudes térmicas diárias máximas foram superiores às do mês anterior. Embora em alguns dias tenham sido pouco significativas, outros houve com valores bastante acentuados. As amplitudes térmicas máximas, foram de 24,5°C na estação de Alcobaça e de 22,3°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos, ambas no dia 18, e de 19,6°C na estação de Santa Cruz/Aeródromo no dia 24.

Os dias decorreram principalmente com céu pouco nublado ou limpo, mas entre os dias 11 e 17 e no final do mês verificaram-se períodos de maior nebulosidade junto ao litoral. Na segunda e na última semana alguns dias decorreram com céu muito nublado. Foi frequente

a formação de neblina ou nevoeiro matinal, principalmente mais junto ao litoral.

O vento apresentou maior intensidade do que no mês anterior. A velocidade foi fraca a moderada (até 30km/h) na maior parte dos dias, soprando por vezes forte junto ao litoral. O período de maior intensidade de vento esteve associado à passagem pelo território nos dias 27 e 28 da depressão pós-tropical Gabrielle, mas não apresentou capacidade destrutiva. Foram registadas rajadas superiores a 40km/h, sete dias na estação de Alcobaça, cinco dias na estação de Santa Cruz (Aeródromo) e catorze dias na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

Verificou-se alguma precipitação ao longo do mês, mais concentrada na segunda e na última semana, que ocorreu principalmente sob a forma de chuva fraca ou chuvisco, tendo-se verificado também dias com períodos de chuva mais significativa. No final do mês a precipitação acumulada apresentou valores inferiores ao normal para a época.

A humidade relativa média foi elevada durante o mês.

As condições meteorológicas favoreceram uma recuperação dos níveis de água no solo. No final do mês, mais junto ao litoral verificava-se o índice de capacidade de campo CC [41, 60] e mais para o interior o índice CC [21, 40]. Fora deste padrão, verificava-se uma pequena mancha no limite do concelho de Torres Vedras, a sul junto à zona costeira, que apresentava o índice CC [61, 80] e os concelhos do Cadaval, Alenquer e Sobral de Monte Agraço, que embora mais distantes do litoral, também apresentavam algumas áreas no índice CC [41, 60].

Ao longo do mês houve disponibilidade hídrica para rega e para o abeberamento de animais. No final do mês verificava-se uma ligeira diminuição nas reservas de água superficiais, mas os volumes de armazenamento mantinham-se superiores ao normal para a época. De igual forma, também as reservas de água subterrâneas

apresentavam níveis semelhantes ou superiores ao normal para a época.

As condições do tempo permitiram que as colheitas decorressem com normalidade. Os episódios de precipitação e de neblina ou nevoeiro atrasaram o processo de secagem do milho para grão e a respetiva colheita. Nas vinhas para vinho, a humidade e as temperaturas foram propícias ao surgimento de algumas podridões, mas o calor permitiu nas castas tintas, um salto muito significativo nos valores de álcool prováveis, a partir da segunda metade do mês. Nos citrinos, em concreto nos pomares de limão, as condições do tempo foram favoráveis ao desenvolvimento dos frutos. Nas pomóideas, a precipitação verificada em alguns períodos do mês poderá causar nas variedades tardias de maçã, problemas nas lenticelas dos frutos (pequenas aberturas porosas na pele, semelhantes a pequenos pontos, que permitem a troca de gases e a transpiração do interior do fruto com o meio ambiente, funcionando como órgãos de arejamento) e levar ao aparecimento de podridões durante o período de conservação. No olival, a precipitação no início do mês e a humidade noturna permitiram a reidratação dos frutos e o aumento de calibre. Já as temperaturas mais elevadas e menor precipitação no final do mês causaram novo *stress* hídrico nos olivais instalados em solos delgados e pouco profundos, refletindo-se na desidratação e queda de frutos. Nas culturas da batata, do tomate para a indústria e do arroz, não foram identificados problemas causados pelas condições do tempo, que também foram favoráveis para as tradicionais culturas hortícolas de ar livre. Durante o mês realizaram-se colheitas de couves, cenouras e abóboras. Ao longo do mês não houve muita oferta de couves, que em geral apresentaram uma qualidade média, e em alguns casos boa. Na couve coração os preços foram mais elevados no início do mês. Os brócolos, a couve-flor e a couve-lombarda mantiveram bons preços ao longo do mês. Houve pouca colheita de cenoura e a oferta foi inferior à procura, tendo havido recurso a importação de produção,

sobretudo espanhola. A cenoura colhida em geral apresentou uma qualidade média. Devido à pouca disponibilidade de produção, verificou-se uma subida de preços. As abóboras colhidas apresentaram uma qualidade média. De um modo geral os calibres foram menores do que o habitual devido às plantações terem sido realizadas mais tarde. As plantações apresentavam alguma heterogeneidade na maturação, o que levou à colheita de abóboras menos maduras. Os preços mantiveram-se baixos. Nas hortícolas em estufa, os dias quentes e com muita luminosidade, aceleraram o desenvolvimento das culturas. Durante o mês decorreram colheitas de tomate, pepino e courgette. A produção colhida apresentava boa qualidade.

No **Médio Tejo**, o mês registou temperaturas médias superiores ao normal e precipitação significativamente inferior ao normal para a época, caracterizando-se como quente e seco. Verificou-se uma descida mais acentuada nas temperaturas mínimas com um valor médio inferior ao normal para a época. As amplitudes térmicas diárias denotaram ainda alguma variabilidade ao longo do mês, com valor médio de 20,1°C, na estação meteorológica de Alvega, ligeiramente inferior ao verificado no mês anterior. A maior amplitude térmica diária foi de 30,4°C registada no dia 17, na mesma estação.

Na estação meteorológica de Alvega a temperatura máxima mais elevada verificou-se superior à média da temperatura máxima normal para a época e a temperatura mínima mais baixa verificou-se muito inferior à normal para a época.

O céu apresentou-se na maior parte dos dias pouco nublado ou limpo. No entanto, na primeira metade do mês registaram-se alguns períodos de maior nebulosidade.

Relativamente ao vento, este soprou essencialmente fraco a moderado, sendo por vezes moderado a forte nas terras mais altas.

O mês decorreu pouco chuvoso, registando-se três dias com precipitação na estação meteorológica de Tomar, Valdonas e quatro dias na estação meteorológica de Alvega, com uma precipitação acumulada no mês inferior à normal para a época.

A humidade relativa média registada em ambas as estações meteorológicas verificou-se mais alta em relação ao mês anterior.

O teor de água no solo nos concelhos de Abrantes e de Ferreira do Zêzere situava-se entre os índices CC [21, 40] e CC [41, 60], verificando-se ainda no concelho de Abrantes uma mancha situada no índice CC [61, 80]. O concelho de Mação situava-se maioritariamente no índice CC [41, 60]. Nos concelhos do Entroncamento, de Vila Nova da Barquinha e de Constância o teor de água no solo situava-se na totalidade no índice CC [21, 40] e maioritariamente no mesmo índice nos concelhos de Ourém, Tomar, Alcanena e Sardoal. O concelho de Torres Novas situava-se maioritariamente no índice CC [11, 20].

As reservas de água superficiais mantiveram-se em níveis satisfatórios, ainda que ligeiramente inferiores aos registados no mês anterior. Não foi identificada falta de água na região, quer para a rega, quer para o abeberamento dos animais.

Quanto à influência do tempo nas culturas, nos olivais tradicionais, as temperaturas altas e a ausência de precipitação provocaram novo *stress* hídrico nos olivais instalados em solos delgados e pouco profundos, refletindo-se não só na coloração das folhas das oliveiras, mas principalmente na desidratação e consequente queda dos seus frutos. Nos olivais intensivos de regadio, as condições de tempo foram as expectáveis para a época, sendo as elevadas temperaturas favoráveis ao controlo de pragas, em especial da mosca-da-azeitona. Nas vinhas para vinho, apesar de alguma precipitação mais forte no início do mês, que obrigou a uma priorização da vindima nas castas tintas mais sensíveis, como a Trincadeira e Baga, não houve um impacto significativo na dimensão ou peso dos cachos. A vindima terminou com os bagos de

uva bastante desidratados. Nos pomares de citrinos, em especial de limão, as condições climáticas foram favoráveis à propagação de pragas. No que respeita às nozeiras, não se verificou qualquer impacto nos frutos que se encontravam a finalizar a sua maturação. No geral, as condições climáticas foram favoráveis às culturas arvenses de primavera-verão permitindo a operação de colheita sem contratempos.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, o mês decorreu com uma oscilação diária significativa das temperaturas máximas, as quais se mantiveram ainda elevadas, principalmente na terceira semana. Nas temperaturas mínimas também se registou um padrão de oscilação diária, embora menos acentuada. A partir de meados do mês houve uma tendência de descida das temperaturas mínimas, verificando-se um arrefecimento noturno significativo. Na Lezíria do Tejo o valor médio da amplitude térmica foi 14,6°C e o valor máximo diário foi 24,7°C, registado no dia 17 na estação meteorológica de Santarém/Fonte Boa. No Baixo Sorraia o valor médio da amplitude térmica foi 17,5°C e o valor máximo diário foi 26,7°C, registado no dia 17 na estação meteorológica de Coruche. A temperatura máxima foi superior ao normal para a época em ambas as estações. A temperatura mínima foi inferior à normal para a época em ambas as estações, de forma mais acentuada na estação de Coruche.

O mês decorreu principalmente com dias de céu pouco nublado ou limpo, tendo-se verificado também alguns dias com períodos de muita nebulosidade, principalmente na primeira e na terceira semana do mês.

O vento foi fraco a moderado na maior parte dos dias.

A precipitação foi inferior ao normal para a época e ocorreu de forma dispersa ao longo do mês, principalmente sob a forma de períodos de chuva e de aguaceiros fracos.

A humidade relativa média foi ligeiramente mais alta do que a registada no mês anterior.

No final do mês o teor de água no solo tinha aumentado relativamente ao mês anterior. Nos concelhos do Baixo Sorraia distribuía-se entre os índices CC [21, 40] e CC [41, 60]. Permanecia ainda uma mancha situada no índice CC [11, 20] no concelho de Salvaterra de Magos e observava-se já no concelho de Coruche uma mancha no índice CC [61, 80]. Na Lezíria do Tejo, verificava-se maioritariamente o índice CC [21, 40] e manchas dispersas situadas ainda no índice CC [11, 20] e outras já no índice CC [41, 60].

Os níveis das reservas de água superficiais apresentavam alguma descida, contudo, mantinham-se acima do normal para a época. Não foram registadas faltas de água para rega nem para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo nas culturas, verificaram-se condições favoráveis ao controlo fitossanitário e à realização das colheitas. Nos olivais em sequeiro alguns frutos evidenciaram sinais de desidratação, devido à quase ausência de precipitação e temperaturas elevadas, mas de uma forma geral, as condições do tempo permitiram um desenvolvimento normal da cultura. Nos citrinos (laranja), o stress hídrico verificado durante o mês de agosto ficou um pouco atenuado com a redução das temperaturas em setembro. Na cultura do milho de regadio para grão, o tempo seco, principalmente na segunda quinzena, permitiu que o milho perdesse humidade naturalmente no campo. Na cultura do arroz, os ventos fortes provocaram a acama nas variedades mais propensas. No tomate para a indústria, as condições climáticas (fraca precipitação) não condicionaram a colheita.

Na **Grande Lisboa**, o mês decorreu muito quente e seco, com grandes oscilações da temperatura máxima sobretudo a partir de meados do mês. A temperatura máxima mais elevada foi superior ao normal para a época e a temperatura mínima mais baixa foi ligeiramente inferior ao normal para a época, registando-se a maior amplitude térmica diária de 14,8°C, no dia 17.

Os dias foram maioritariamente pouco nebulados, com formação de neblina em alguns locais da faixa costeira.

No que respeita ao vento, este esteve na maior parte do mês moderado a forte (30 a 40 km/h), com rajadas até 70 km/h, em especial nos dias 4, 8, 14, 15, 20 a 22, 27 e 28, particularmente no litoral.

O mês decorreu maioritariamente seco, com uma precipitação residual comparativamente ao normal para a época.

A humidade relativa média foi ligeiramente inferior à registada no mês anterior.

No que se refere aos valores do teor de água no solo no final do mês, a norte do concelho de Vila Franca de Xira situavam-se no índice CC [11, 20] e a sudoeste do concelho no índice CC [21, 40]. Nos concelhos de Oeiras, Cascais e Loures situavam-se no índice CC [21, 40]. No concelho de Sintra situavam-se maioritariamente no índice CC [21, 40] com uma mancha a noroeste no índice CC [41, 60]. No concelho de Mafra situavam-se no índice CC [21, 40] na zona do interior, com uma mancha no centro no índice CC [41, 60] e no litoral no índice CC [61, 80]. Maioritariamente os concelhos de Lisboa, Odívetas e Amadora encontravam-se no índice CC [41, 60].

No final do mês o estado das linhas de água e o armazenamento de águas superficiais e nos aquíferos considerou-se em níveis normais para a época, com disponibilidade de água para rega e para o abeberamento de animais.

Quanto à influência do estado do tempo, não houve registo de grandes amplitudes térmicas, o que foi positivo para o desenvolvimento vegetativo das culturas de primavera-verão, tendo sido necessário intensificar a rega nos dias de maior calor. O tempo seco favoreceu as vindimas, a colheita de tomate para a indústria e a preparação de terrenos para a sementeira de culturas forrageiras. No olival, apesar dos frutos terem beneficiado com a chuva ocorrida sobretudo no dia 7, o tempo quente que se fez sentir traduziu-se em stress hídrico nas azeitonas de algumas áreas.

No tomate para a indústria, as elevadas temperaturas prejudicaram algumas plantações mais tardias que ainda estavam no final da floração (em risco de não serem colhidas atempadamente) e, nas mais precoces, com tomate muito maduro, houve registo de prejuízos causados por escaldão.

Na **Península de Setúbal**, as temperaturas máximas registaram frequentemente valores acima do normal para a época, com oscilações ao longo do mês. As temperaturas mínimas registaram em geral valores acima do normal para a época até meados do mês e abaixo do normal para a época na segunda quinzena. A maior amplitude térmica diária foi de 24,4°C, registada no dia 17 na estação de Pegões.

Os dias decorreram com céu geralmente pouco nublado ou limpo, ocorrendo dias com céu muito nublado ao longo do mês.

O vento soprou em geral fraco a moderado (até 30 km/h), por vezes forte (até 40 km/h), com registo de rajadas de maior intensidade nos dias 21, 27 e 28.

O mês decorreu seco na região, com uma precipitação acumulada inferior ao normal para a época, que correspondeu a 54% e 44% do valor médio, respetivamente nas estações de Setúbal e Pegões.

A humidade relativa média foi em geral superior à registada no mês anterior.

O teor de água no solo registou, em geral, um ligeiro aumento relativamente ao mês anterior, nomeadamente em áreas dos concelhos de Alcochete e Palmela, para o índice CC [41, 60]. Também na zona este do concelho de Palmela se registou o aumento do teor de água no solo, neste caso para o índice CC [21, 40]. No entanto, em áreas mais a sul dos concelhos de Sesimbra e Setúbal, o teor de água no solo baixou para o índice CC [11, 20]. A zona norte dos concelhos de Almada e Seixal mantiveram-se no índice CC [41, 60].

Não se verificaram situações de escassez de água para a rega e para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, na vinha, as condições foram favoráveis, com tempo maioritariamente seco como se pretende nesta altura. A precipitação ocorrida foi pontual, não foi problemática e em geral não interferiu na vindima que decorreu ao longo deste mês. As temperaturas estiveram dentro do normal para esta época do ano, com temperaturas noturnas já mais baixas, o que propiciou o avanço na maturação da uva. Na cultura do milho, de modo geral as condições foram favoráveis à secagem do grão. A precipitação que ocorreu não afetou a cultura. As elevadas temperaturas permitiram antecipar a expectativa da data de colheita, que se previa para o princípio de outubro, tendo-se iniciado no final de setembro. Na cultura do arroz, a precipitação ocorrida foi benéfica. As temperaturas e restantes condições climatéricas não interferiram no seu desenvolvimento.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos das estações desta região.



Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

Oeste

Nas vinhas para vinho, a situação fitossanitária foi satisfatória. Apenas de salientar alguma incidência de podridão cinzenta causada pelo fungo *Botrytis cinerea*, cujos sintomas se tinham verificado a partir das últimas semanas de agosto e que foi potenciada pela humidade elevada ocorrida na primeira semana de vindima. Também se verificaram alguns problemas de podridão acética ou ácida, causada por um complexo de microrganismos como fungos, bactérias e leveduras, que se desenvolvem nos bagos danificados, e que foram potenciados pela humidade elevada verificada no início da vindima. Em algumas vinhas para uva de mesa a

mosca da fruta (*Ceratitis capitata*) apresentou uma pressão elevada, tendo havido necessidade de realização de tratamentos fitossanitários, que permitiram limitar os ataques.

Nas pomóideas, a presença do fogo bacteriano (*Erwinia amylovora*) continuou a ser um problema nos pomares de pereiras e de macieiras, sendo necessária a realização de novas podas sanitárias nos pomares após a colheita, para limpeza de sintomas da doença. Nas maçãs em colheita verificou-se a presença de pulgão lanígero e cigarrinha verde, com intensidade média. Na variedade Golden também houve alguma presença de mosca da fruta, que causou problemas pontuais.

Nos pomares de limão, a presença de algumas pragas típicas da cultura, foram eficazmente controladas.

Os olivais de um modo geral apresentaram um bom estado fitossanitário. Excepcionalmente, alguns olivais instalados em terrenos com disponibilidade hídrica e microclima mais ameno, continuaram a registar ligeiros ataques de mosca da azeitona, cuja intensidade baixa não justificou a realização de tratamentos.

Nas culturas do milho e do girassol não surgiram problemas fitossanitários significativos. Foi identificada a presença de javalis, que nalguns casos causaram estragos com perdas de produção consideráveis.

A cultura do arroz apresentava um bom estado fitossanitário. A presença de infestantes, principalmente de milhãs e arroz bravo, encontrava-se controlada, com exceção de algumas áreas mais crónicas. Manteve-se a presença de javalis na cultura, mas sem prejuízos significativos.

Nas hortícolas de ar livre, nas couves o principal problema fitossanitário foi a presença de piolhos, que se têm vindo a tornar uma praga chave da cultura. O combate tem sido difícil por serem limitadas e pouco eficientes as opções de tratamento disponíveis atualmente, estando por esse motivo a praga a tornar-se persistente. Também houve presença, com menor intensidade, de lagarta (*Helicoverpa armigera*), traça e

mosca da couve. Nas cenouras surgiram os problemas habituais, que foram controlados sem causarem perdas. Houve presença de doenças como oídio, alternariose e esclerotinia (provocada por fungo causador de podridão na região do caule) e de pragas como a psila da cenoura, afídeos e lagartas. Nas abóboras houve alguma incidência de oídio e durante a colheita verificou-se muita presença de piolhos, devido ao verão ter sido muito seco.

Nas hortícolas em estufa, na cultura do tomate verificaram-se ataques de média intensidade de mosca branca e de *Tuta absoluta*. Também ocorreram focos de baixa intensidade de doenças fúngicas, favorecidas pela humidade elevada, designadamente a cladosporiose, que provoca manchas nas folhas que se podem tornar necróticas, diminuindo a fotossíntese e a energia da planta, podendo também afetar frutos e flores, e de *Botrytis*, que causa podridão nas folhas, flores, caules e frutos. Nas culturas da courgette e do pepino, verificaram-se focos de oídio com baixa intensidade. Foram realizados tratamentos fitossanitários que se revelaram eficazes. Não houve ocorrência de prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nas vinhas para vinho, apesar da chuva mais forte no início de setembro e das manhãs já com muito orvalho, as vinhas continuaram saudáveis. Observou-se pontualmente uma ligeira podridão em alguns cachos na casta Trincadeira. Foram ainda visíveis alguns bagos picados por traça, mas sem consequências maiores. Observou-se um aumento da população de cigarrinha verde, a qual foi controlada após os devidos tratamentos fitossanitários.

Os olivais, no geral apresentavam um bom estado fitossanitário, o que não justificou qualquer tratamento, exceto em algumas áreas com disponibilidade hídrica e microclima mais ameno, onde se continuaram a registar ligeiros ataques de mosca da azeitona, sem que ainda tenha sido atingido o Nível Económico de Ataque.

Nos pomares de limão, mantiveram-se presentes algumas pragas, predominantemente a cochonilha-algodão (*Planococcus citri* (Risso)). Os tratamentos fitossanitários aplicados permitiram uma presença mais ténue da praga, mas ainda não totalmente controlada. Começaram a aparecer caracóis, mas sem impacto significativo nos limoeiros.

Os campos de milho na fase final de maturação (preparados para a colheita) continuavam a ser danificados pelos javalis, que deixaram muitas plantas partidas.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nos pomares de citrinos (laranja) houve necessidade de realização de tratamentos contra a mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*). A praga tem apresentado uma baixa intensidade verificando-se controlada. Houve presença de lagarta mineira nos rebentos novos, mas sem grande significado.

Nos olivais, no final do mês verificou-se uma maior incidência de mosca da azeitona, que poderá levar à necessidade de realizar tratamentos fitossanitários, sobretudo para as variedades mais tardias e de regadio.

No milho, com a cultura em fim de ciclo ou estado de colheita, não se registaram problemas fitossanitários. No entanto, mantiveram-se prejuízos causados pelos javalis.

No arroz, houve uma forte presença de milhãs (*Echinochloa spp.*), tendo as mesmas apresentado uma forte resistência aos tratamentos. Houve ainda presença de outras infestantes, designadamente arroz bravo. Continuaram a verificar-se estragos na cultura provocados por javalis.

Grande Lisboa

Nas vinhas de uva de mesa, ao longo do mês registaram-se fortes ataques de mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) que afeta os cachos de uvas, tendo sido tomadas providências para controlo desta praga, com

recurso a armadilhas de monitorização e aplicação de iscos tóxicos.

Nas pomóideas, mais concretamente aquando da colheita das maçãs, foram verificados danos causados pela presença de bichado (*Cydia pomonella*, *funebrana* e *molesta*) para o qual tinham sido adotados os devidos procedimentos de combate, mas que se mostraram ineficazes. Tal como referido em relatórios anteriores, houve uma elevada perda de produção devido ao fogo bacteriano, o que tem vindo a ser uma crescente preocupação na presente campanha, particularmente no concelho de Mafra.

No olival, registou-se presença de gafa (causada pelo fungo *Colletotrichum spp.*), sobretudo em olivais não tratados previamente.

Nas searas de milho manteve-se a preocupação com os javalis, não só por comerem e espezinharem as plantas, como também por serem veiculadores de infestantes. Outra preocupação tem vindo a crescer para com infestantes, nomeadamente a figueira-do-inferno (*Datura stramonium*), cuja presença num lote de milho colhido pode levar à sua rejeição por parte da indústria, pois é prejudicial à saúde de animais e humanos devido aos alcalóides presentes em todas as suas partes. Houve registo de vírus do nanismo que é proliferado pela cigarrinha-do-milho (*Dalbulus maidis*), situação que se agravou com a interdição de substâncias ativas na composição de inseticidas para controlo do vetor da doença. A grande presença de ácaros, considerada praga, também trouxe uma forte apreensão, pois promovem acentuadas quebras de produção devido à sua capacidade inibitória de fotossíntese das plantas, quer a nível da parte vegetativa quer do fruto, prejudicando o milho ao se alimentarem da seiva das folhas, causando amarelecimento, pontos e até queda prematura das folhas.

Nos arrozais continua a ver-se muita milhã, para a qual é extemporânea a aplicação de herbicidas, pois arriscar-se-iam as próprias searas de arroz.

Os javalis e as cegonhas que procuram lagostim têm sido duas pragas muito destrutivas dos canteiros de arroz.

No tomate para a indústria, quanto mais a colheita avançou maiores foram os focos de traça do tomateiro ou *Tuta absoluta*, apesar dos tratamentos realizados. No que concerne a infestantes, em algumas plantações houve forte incidência de erva tomateira (*Solanum nigrum*) que, para além de ser hospedeira de pragas como a *Tuta absoluta* e outras doenças virais, também compete com a cultura por recursos como água, luz e nutrientes.

Península de Setúbal

Na vinha, com a precipitação ocorrida, os bagos incharam, provocando alguma podridão, que não foi generalizada. Nesta campanha a cigarrinha verde foi menos problemática. A precipitação que se verificou ao longo do ciclo, propiciando o seu vigor vegetativo, evitou a migração desta praga para a vinha, que se manteve preferencialmente em coberto vegetal com seiva ativa, em circulação. No entanto, no final do ciclo, com a ausência de tratamentos fitossanitários, surgiu muito intensamente. Alguns agricultores vão efetuar tratamentos fitossanitários recomendados para a cigarrinha após a colheita, em zonas de maior incidência da praga, mais problemáticas. O míldio e a traça não tiveram impactos significativos na produção.

No amendoal, o fungo moniliose e as pragas de ácaros não foram problemáticos. No final do ciclo a folhagem apresentava-se muito degradada devido à presença e ação dos cicadelídeos, pelo que serão efetuados tratamentos fitossanitários após a colheita da amêndoa.

Na cultura do milho, o vírus do nanismo teve maior incidência do que na campanha anterior, com consequências na produção. Os ataques da lagarta desfolhadora (*Spodoptera*) foram controlados e não se revelaram anormais. Na região a infestante figueira-do-inferno (*Datura stramonium*) nas searas de milho constitui um problema devido à contaminação do grão

com as sementes e com a seiva da infestante, altamente tóxicas e apenas detetáveis em análises químicas. Com vista à sua eliminação foi efetuado o controlo (mecanicamente e/ou com herbicida) nas bordaduras da cultura e nas searas. A presença de javalis foi superior à da campanha anterior, que nesta fase de secagem do milho causou uma grande quebra das plantas e consequentes danos na produção.

Na cultura de arroz não se verificaram problemas assinaláveis a nível de pragas e doenças, que tenham provocado danos na cultura. De salientar nesta fase a presença de aves nos arrozais, nomeadamente cegonhas e íbis-preto. As infestantes ocorreram em maior quantidade que na campanha anterior, sobretudo com milhãs. Os javalis continuam a ser um problema na cultura, agora já com o grão formado.

Na cultura de tomate para a indústria, o fungo do solo *Fusarium* foi muito problemático em algumas parcelas com consequências na produção. Para isso contribuíram as plantações tardias, tendo as plantas estado muito tempo em viveiro, assim como uma deficiente preparação dos terrenos, devido às condições decorrentes de muita pluviosidade e consequentes níveis de água muito superficiais. Para além disso, as condições de elevadas temperaturas que ocorreram na região desde final de junho até meados de agosto, em solos arenosos característicos desta região, foram ainda mais propícias ao desenvolvimento do *Fusarium*. Com a descida de temperatura verificada neste mês a pressão de ataques do ácaro do bronzeamento diminuiu. Relativamente à *Tuta absoluta*, os ataques foram controlados e em geral inferiores aos da campanha anterior, não tendo prejudicado muito a produção. Continuaram a verificar-se ataques de javalis aos sistemas de rega e consequentes estragos nos equipamentos.



Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste**, apesar de alguma precipitação, as pastagens (de sequeiro e em geral espontâneas) mantinham-se com pouca disponibilidade de alimento para os animais em pastoreio direto, verificando-se a necessidade de recurso a alimentação natural conservada, como fenos e palhas. As espécies pecuárias estabuladas mantiveram condições de alimentação muito semelhantes a igual período do ano anterior, com boa disponibilidade de alimento natural conservado. Este ano houve armazenagem de muita quantidade de fenos (fenossilagem).

Nas searas de milho de regadio para silagem, as plantas apresentavam-se vigorosas e com uma boa formação de espigas. A disponibilidade de água para rega e as condições de temperatura e luminosidade verificadas desde julho favoreceram o desempenho da cultura. As plantas e o grão encontravam-se próximos do ponto de colheita, encontrando-se o início da mesma prevista para os primeiros dias de outubro. Estima-se uma produtividade superior à do ano precedente e uma boa qualidade nutricional do milho para silagem, o que permitirá reforçar a boa disponibilidade de alimento natural conservado.

No campo já tinham sido iniciadas algumas operações de mobilização mais superficial do solo e de aplicação de matéria orgânica, para preparação das terras para as sementeiras de azevém e outras culturas forrageiras.

No **Médio Tejo**, as pastagens permanentes de sequeiro apresentavam-se com as plantas secas, algumas totalmente consumidas. Nos prados de regadio, as

plantas continuavam em crescimento e algumas, pela boa disponibilidade de pasto, encontravam-se sob pastoreio direto. As novas sementeiras das culturas forrageiras de outono-inverno estavam em preparação. A cultura de luzerna apresentava forte vigor vegetativo e boas perspectivas para o segundo corte antes da hibernação invernal. Prevê-se a realização do segundo corte na segunda semana de outubro, estimando-se uma boa produtividade e qualidade da matéria verde.

Relativamente às condições de alimentação das espécies pecuárias, em especial os bovinos em regime extensivo, encontravam-se em pastoreio nas pastagens de regadio e outros com regime alimentar à base de forragens conservadas, com uma grande importância da fenossilagem. Em resultado da boa produção de forragens nesta campanha e maior disponibilidade destes alimentos, verificou-se um aumento no consumo de fenossilagem relativamente ao mesmo período do ano passado. Nos ovinos (carne), verificaram-se alguns efetivos com alimentação essencialmente à base de ração industrial. Comparativamente a período idêntico do ano anterior, verificou-se uma alimentação similar, contudo com uma distribuição de alimento concentrado menos acentuada pela maior disponibilidade de forragem no ano anterior, por ter sido um período mais chuvoso do que neste ano.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, a maior parte das pastagens permanentes de sequeiro encontravam-se secas e algumas totalmente consumidas. No entanto, devido à abundância de pastagem este ano, ainda existiam prados secos com alimento suficiente que se encontravam sob pastoreio direto. O ano foi muito produtivo, verificando-se uma grande disponibilidade de forragens anuais. Estavam a decorrer as colheitas de milho para silagem, cuja produtividade se verificou ligeiramente inferior à do ano anterior. A qualidade foi boa, devido à boa formação da maçaroca e ao bom estado vegetativo das plantas, perspectivando-se parâmetros normais de matéria seca e de proteína. As

sementeiras das novas culturas forrageiras de outono-inverno encontravam-se a decorrer.

Nas espécies pecuárias em regime extensivo, principalmente bovinos, a alimentação estava a ser complementada com feno ou palha, conforme a disponibilidade dos criadores, sem necessidade de alimentos concentrados. Nos regimes intensivos de bovinos, a alimentação dos animais estava a ser suplementada com forragens à base de fenossilagem de azevém e silagem de milho. Em geral, manteve-se uma boa disponibilidade de fenos e palhas em armazenagem.

Na **Grande Lisboa**, procedeu-se à sementeira de cerca de 60% da área total destinada a azevém, perspetivando-se o seu término em outubro. À semelhança do mês anterior, as pastagens de sequeiro encontravam-se secas e sem pasto disponível, com os ciclos vegetativos fechados.

Verificou-se uma grande disponibilidade de feno, palha e fenossilagem para a alimentação das espécies pecuárias, ainda sem necessidade de recorrer a suplementação alimentar com rações industriais.

Na **Península de Setúbal**, em geral o coberto vegetal encontrava-se muito seco e acamado no final do mês, não sendo possível o pastoreio. A reduzida precipitação não foi suficiente para a rebentação de nova vegetação. O efetivo bovino e ovino recorreu à silvo-pastorícia, alimentando-se de bolota como complemento à suplementação com fenos. Apenas em zonas de vale com condições favoráveis, era ainda possível o pastoreio direto, estando prevista a suplementação com fenossilagem e fenos a partir de novembro.

Conforme referido no relatório de agosto, os cortes para feno, silagem e fenossilagem em geral ficaram então concluídos, sendo a quantidade colhida superior à da campanha anterior e a qualidade, em geral, também superior. Os cortes de milho para silagem iniciaram-se em agosto e terminaram no final deste mês, com produtividade idêntica à campanha anterior. Apesar de

não ter sido uma campanha mais produtiva, os custos para o produtor podem ter sido mais baixos, considerando que choveu até tarde e, portanto, menores gastos com a rega, nomeadamente a nível de eletricidade.



Cereais praganosos: andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

No **Oeste**, a colheita de cereais praganosos ficou concluída a meio de agosto. A produtividade do trigo foi ligeiramente menor do que no ano anterior e a qualidade foi inferior a um ano normal, com grãos de baixo calibre e baixo peso específico. Grande parte da produção não apresentou qualidade panificável e foi encaminhada para alimentação animal. A produtividade da cevada foi significativamente menor do que no ano anterior e a qualidade também foi inferior a um ano normal, com grãos de baixo calibre e baixo peso específico. A produtividade da aveia foi inferior a um ano normal e a qualidade semelhante ao ano anterior. Salienta-se a reduzida importância dos cereais praganosos de outono-inverno na economia agrícola da região atualmente e a sua substituição por outras culturas geradoras de maior rendimento económico para os produtores.

No **Médio Tejo**, encontravam-se colhidos os cereais praganosos e a campanha concluída. Registou-se uma menor produtividade nos trigos, em especial no trigo mole, enquanto nos restantes cereais se verificaram produtividades semelhantes comparativamente ao ano anterior. No geral, pese embora algumas searas mais prejudicadas pelas condições climáticas adversas, os grãos apresentaram boa qualidade, sendo adequados para panificação e para a produção de malte (no caso da cevada dística). No entanto, no que respeita ao trigo mole, os grãos apresentaram um baixo peso específico,

o que levou a que alguma parte da produção fosse destinada à alimentação animal (ração).

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as colheitas ficaram concluídas no final de julho. Na cultura do trigo, a produtividade foi inferior à do ano anterior e a qualidade foi baixa. Os grãos apresentaram pouco peso específico. Na cultura da cevada a produtividade foi idêntica à do ano anterior, com uma qualidade razoável.

Na **Grande Lisboa**, nalgumas áreas procedeu-se à mobilização dos terrenos para as sementeiras. Do balanço da campanha dada por concluída extrai-se que, no geral, houve uma redução da produtividade dos cereais. A qualidade e rendimento da colheita foi idêntica à da campanha anterior, ou seja, boa e dentro do expectável, mas com trigos de menor valor nutricional devido ao ano ter sido muito chuvoso. Os preços pagos ao produtor continuam tendencialmente a baixar, o que contribui para o desincentivo e abandono da prática destas culturas.

Na **Península de Setúbal** mantém-se o referido no mês de julho: *"(...) foi efetuada a colheita do trigo mole no final do mês, com boa qualidade e com produtividade idêntica ao ano anterior. A colheita do tritcale, iniciada no final de junho ficou concluída no final deste mês, com aumento de produtividade relativamente à campanha anterior. A colheita da cevada (dística) foi efetuada em meados do mês. O grão não obteve a qualidade e o calibre necessário com vista à indústria para malte, por a cultura ter sido semeada muito tarde, pelo que o grão teve como destino a alimentação animal."*



Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares de pomóideas, prunóideas, citrinos, kiwis, frutos secos e olivais: estado vegetativo; produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

Vinha

No Oeste, as vindimas iniciaram-se nos primeiros dias do mês com a colheita das castas brancas e cerca de uma semana e meia mais tarde arrancou a colheita generalizada das castas tintas, embora algumas tenham sido antecipadas por apresentarem a maturação adiantada. Prevê-se a conclusão das vindimas no decurso da segunda semana de outubro. Confirma-se uma menor produtividade comparativamente ao ano anterior, em resultado da menor diferenciação floral e da elevada incidência de mildio. No entanto, a descida de produtividade foi menos acentuada do que o previsto antes da realização da vindima. As quebras de produtividade foram mais significativas nas castas tintas do que nas brancas. A entrada em produção de algumas vinhas novas contribuiu para atenuar a quebra de produção global colhida na região. A colheita foi bastante satisfatória em termos da qualidade sanitária da uva, com parâmetros semelhantes aos do ano anterior, embora tenham ocorrido alguns problemas de podridão, junto à vindima. Em termos de maturações, face aos valores quantitativos de álcool prováveis nas castas brancas, poderá perspetivar-se que não seja um ano excelente de vinhos brancos neste parâmetro, mas sem alarmes. Já nas castas tintas perspetiva-se a possibilidade de um ano interessante de vinhos. Nas vinhas para uva de mesa, no final do mês estava concluída a colheita das castas Vitória e Palieri. As castas Dona Maria, Red Globe, Crimson e Alfonso Lavallée encontravam-se em colheita. Na região em geral, a produção este ano tem apresentado boa qualidade. Comparativamente ao ano anterior, houve uma diminuição da produtividade com algum significado, devido à menor produção de cachos por videira (na floração os vingamentos foram mais baixos) e alguma perda de produção causada pela elevada incidência de mildio. Os produtores este ano, além de uma produção menor, enfrentaram custos de produção acrescidos, devido à necessidade de proteção fitossanitária das vinhas, com tratamentos mais frequentes, para

combater a incidência elevada e persistente de míldio, que só estabilizou a partir de julho.

No Médio Tejo, a vindima decorreu ao longo de setembro sem contratempos e encontrava-se praticamente concluída no final do mês. As folhas das videiras ainda se mantinham verdes no final de setembro. Em termos quantitativos, verificou-se uma quebra na produtividade face ao ano anterior. Apesar de 2024 já ter sido um ano fraco, a produtividade obtida nesta campanha ficou ainda aquém das expectativas para um ano considerado normal. No entanto, a qualidade da uva colhida foi muito boa, perspetivando-se vinhos com uma grande qualidade. As vinhas de uva de mesa, nas castas mais tardias encontravam-se com a vindima quase terminada. Os frutos denotavam uma boa qualidade. É prevista uma menor produtividade comparativamente ao ano anterior, em consequência dos problemas fitossanitários ocorridos na cultura (em especial o míldio).

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a vindima encontrava-se concluída no final do mês, tendo decorrido com normalidade. Verificou-se alguma quebra de produção por comparação com o ano anterior. As uvas apresentaram boa qualidade. As vinhas para uva de mesa encontravam-se com a colheita a decorrer nas variedades mais tardias, como a Dona Maria, a Red Globe e a Crimson. A produção colhida foi menor do que no ano anterior e as uvas apresentavam uma qualidade razoável.

Na Grande Lisboa decorreu a vindima de todas as castas de uva para vinho, prevendo-se o seu término para o final da primeira semana de outubro. Nas vinhas mais velhas a produtividade foi inferior à da campanha anterior, situação compensada pela produtividade das vinhas novas que foi superior, apesar das doenças referidas em relatórios anteriores - ataques de míldio, esporádicos ataques de oídio, focos de podridão e escaldão que se fez sentir no mês de junho. A qualidade foi boa, com uvas com um teor de açúcar um pouco superior às da campanha anterior. No final do mês as

adeegas encontravam-se em plena laboração, com fermentações a decorrer até meados de outubro. Relativamente à uva de mesa, concluíram-se as vindimas das variedades Cardinal, Palieri, Crimson Seedless, Arra 30 e Arra 15 e iniciou-se a vindima das variedades mais tardias como Red Globe, Crimson e Dona Maria, prevendo-se o seu término para outubro. Perspetiva-se uma perda de produtividade relativamente ao ano anterior, sobretudo devido aos fortes ataques de míldio e ao escaldão nas castas mais sensíveis que ocorreram durante o mês de junho. Relativamente à qualidade, esta é considerada muito boa, apresentando-se os cachos sem podridões nem bagos secos.

Na Península de Setúbal, a vindima de uva para vinho, que se tinha iniciado em geral a partir de meados de agosto, com as castas brancas, terminou maioritariamente no final deste mês, havendo ainda algumas vinhas por vindimar, que deverão estar finalizadas até início/meados de outubro. Ao longo deste mês as maturações aceleraram, com grandes aumentos de grau, com bom estado sanitário e em geral com boa qualidade. A entrega das uvas nas adeegas decorreu bem. Confirma-se nesta fase o já apontado decréscimo de produtividade relativamente à campanha anterior (que já foi muito penalizadora) e a um ano normal, não por escaldão, míldio ou traça, mas sim devido a falta de nascença, com consequente decréscimo de formação de cachos, principalmente nas castas Fernão Pires e Castelão. Relativamente à qualidade dos vinhos ainda é cedo para apurar.

Pomóideas

No Oeste a colheita de pera Rocha terminou no início do mês, confirmando-se que a quantidade de produção colhida foi muito semelhante à do ano anterior. Pelo quarto ano consecutivo a produção foi muito inferior ao potencial produtivo da região. As causas assentam principalmente nas condições climáticas desfavoráveis, de precipitação e temperatura que se fizeram sentir na fase de floração, e na incidência

elevada e persistente de fogo bacteriano (desde a floração até à colheita) disseminado por toda a região. A doença este ano teve impactos inéditos na produção e nos custos de limpeza dos sintomas nos pomares, devido à necessidade de realização de diversas podas sanitárias. Quanto à qualidade da produção, verifica-se uma predominância de calibres baixos, menos valorizados, com mais de metade da produção com calibres iguais ou inferiores a 60mm. Os frutos apresentam bons níveis de *brix* e boas propriedades organoléticas. No final do mês encontrava-se terminada a colheita de maçã Gala, a variedade mais implantada na região, e estava a decorrer a colheita das variedades Reineta, Golden e RegalYou. As maçãs da variedade Fuji encontravam-se no estado fenológico J - Frutos em Desenvolvimento. As previsões de colheita apresentaram alguma discrepância em relação à quantidade de maçãs colhidas, devido a perdas causadas pelo fogo bacteriano, que este ano teve uma incidência média nos pomares de macieiras. Muitas árvores pareciam ter mais fruta do que se veio a verificar na colheita. A qualidade das maçãs colhidas é boa, apresentando bons níveis de *brix* e boas propriedades organoléticas, embora os calibres se apresentem medianos, mais baixos do que no ano anterior. A quantidade de produção de maçãs Gala terá sido semelhante ao ano anterior. Prevê-se um ligeiro aumento de produção de Reineta, um aumento mais significativo de RegalYou e alguma diminuição nas variedades Golden e Fuji. Em termos globais, para o conjunto das variedades, a produção deverá ser muito semelhante à do ano anterior.

Na Grande Lisboa, a maçã da variedade Gala ficou toda colhida em agosto e, em meados deste mês, iniciou-se a colheita da maçã da variedade Fuji, que está cerca de duas semanas atrasada em relação à campanha anterior. Estima-se uma redução da qualidade da produção e da sua produtividade, situação devida não só às elevadas temperaturas que inibiram de forma irreversível a coloração e o crescimento dos frutos, contribuindo assim para frutos de menores calibres, e

ainda devida a problemas fitossanitários que melhor se referem no respetivo capítulo do presente relatório e que têm vindo a ser referenciados ao longo da campanha. Não obstante, os frutos apresentam um bom grau *brix* devido ao baixo teor de água. Nas maçãs já colhidas não se têm registado doenças de conservação. Nas peras, de um modo geral, a produtividade ficou aquém do potencial produtivo dos pomares da região, situação que se deve às condições climáticas desfavoráveis à cultura, nomeadamente precipitação e temperatura na fase de floração, bem como à incidência de doenças, nomeadamente fogo bacteriano que, para além da produtividade, teve um grande impacto na produção com o aumento dos custos na limpeza dos pomares. À semelhança do ocorrido com a maçã, também a pera apresenta predominância de calibres baixos, inferiores ou iguais a 60mm.

Prunóideas

No Oeste, a colheita de prunóideas (ameixas e pêsegos) ficou concluída no final de agosto. Como então referido, os frutos apresentaram bons calibres e boa qualidade. A produtividade da ameixa foi semelhante à do ano anterior e a do pêsego foi ligeiramente menor.

Na Grande Lisboa, a colheita das ameixas terminou em julho. Tal como referido no relatório anterior, *“As condições climáticas do presente ano não foram favoráveis à qualidade dos frutos: aquando da floração em março houve muita chuva e pouca luminosidade e, por isso, a atividade dos polinizadores foi muito reduzida, o que provocou frutos malformados, queda prematura de frutos e calibres muito pequenos. Na última semana de maio o tempo esteve muito quente e inibiu o crescimento dos frutos, que ficaram sem a cor e o sabor desejáveis. Estes fatores influenciaram não só a qualidade, mas também a produtividade que se estima menor do que no ano anterior”*.

Citrinos

No Oeste, os pomares de limão apresentavam um bom desenvolvimento dos frutos e uma quantidade razoável por árvore. A colheita decorrerá em novembro e dezembro. Estima-se uma produção e qualidade idênticas a um ano normal.

No Médio Tejo, os pomares de limão denotavam um estado vegetativo regular. Os frutos encontravam-se na fase de mudança de cor, sinalizando o início da maturação e já era visível o início de uma nova floração. A colheita está prevista para o final de novembro, ligeiramente atrasada em relação ao período habitual.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares de laranja das variedades Dalmau e Newhall, com os frutos em crescimento, apresentavam um estado vegetativo um pouco melhor do que no mês anterior, mas ainda sob influência do *stress* hídrico, devido às altas temperaturas registadas em agosto. Mantém-se a perspetiva de uma produção menor do que no ano anterior e uma qualidade inferior, atendendo às condições climáticas adversas ocorridas durante o ciclo vegetativo, que levaram ao fraco vingamento e à queda de frutos.

Na Península de Setúbal, os limoeiros encontravam-se com os frutos em crescimento, ainda pequenos e verdes, estando a colheita prevista para início de dezembro.

Amendoal

No Médio Tejo, a colheita da amêndoa encontrava-se concluída no final do mês. A produtividade verificou-se um pouco inferior à do ano precedente. A qualidade dos frutos foi considerada boa.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as colheitas estavam concluídas no final do mês. A produtividade foi semelhante ou ligeiramente menor relativamente ao ano anterior, tendo havido pomares que não foram colhidos devido à escassa produção ou mesmo não produção, em resultado da influência negativa da tempestade

Martinho na fase de floração. Apesar de terem sido identificados alguns problemas pontuais no enchimento e na germinação do miolo, na generalidade da produção a qualidade foi semelhante à do ano anterior.

Na Península de Setúbal, a colheita foi efetuada durante este mês, com frutos de qualidade razoável. A expectativa de produção foi inferior à prevista, apesar de superior relativamente à campanha anterior. O preço foi mais elevado do que na campanha antecedente.

Nogueiral

No Médio Tejo, as noqueiras apresentavam um bom estado vegetativo, com os frutos a finalizar a maturação. Em meados do mês, procedeu-se à redução gradual da rega até à sua cessação. A colheita na região está prevista realizar-se na segunda semana de outubro. Estima-se um acréscimo da produtividade face ao ano anterior. Este acréscimo resulta, em parte, da evolução natural da idade dos pomares de noqueiras, que contribuirá para um maior rendimento. Visualmente, os frutos apresentavam uma boa qualidade.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita das variedades mais precoces, como a Viriato, foi iniciada na segunda metade do mês. Outras variedades, como a Howard, serão colhidas durante o mês de outubro. Estima-se um aumento de produtividade que resulta em parte da evolução natural da idade dos pomares, o que contribui para um maior rendimento, uma vez que a cultura é recente na região. Prevê-se uma boa qualidade dos frutos.

Olival

No Oeste, a precipitação ocorrida no final da primeira semana e a humidade noturna que se fez sentir, permitiram a reidratação e o aumento do calibre da azeitona, refletindo-se numa previsão de ligeiro aumento da produção face ao espetável, mas que não se refletirá nos rendimentos. Pelo contrário, as temperaturas altas e a ausência de precipitação na segunda e terceira semana, provocaram novo *stress* hídrico nos olivais presentes em solos delgados e pouco

profundos, o que se refletiu não apenas na coloração das folhas das oliveiras, mas principalmente na desidratação e consequente queda de frutos. A maior parte das variedades precoces e temporãs iniciaram durante o mês a completa coloração dos frutos, estado fenológico indicativo da conclusão de acumulação de azeite nos mesmos, embora a polpa ainda esteja muito rija, o que dificulta o seu processo de extração. Os produtores e lagares que pretendem obter azeites de perfil mais verde, colhendo mais cedo que o normal, atrasaram em duas semanas as suas atividades face ao ano passado. No final do mês tinham sido iniciadas colheitas nas variedades mais precoces e nos olivais localizados em zonas que reúnem condições edafoclimáticas mais favoráveis, verificando-se alguma quebra de produtividade relativamente ao ano anterior, mas rendimentos mais elevados. Já nas variedades ou parcelas temporãs e tardias prevêm-se melhores produtividades e rendimentos inferiores. Em termos gerais, prevê-se uma produtividade inferior a um ano normal, mas semelhante ao ano anterior. A azeitona apresentava-se bastante sã e com boa qualidade, superior ao ano anterior, devido à baixa pressão de doenças e pragas. A colheita poderá decorrer até ao final de novembro, dependendo das condições climáticas, as quais também irão influenciar os rendimentos e a qualidade final da azeitona. Este ano prevê-se um período de colheita relativamente longo, o que será bom por retirar pressão no funcionamento dos lagares.

No Médio Tejo, nos olivais tradicionais a maioria das variedades precoces e temporãs durante o mês de setembro, iniciou a coloração dos frutos, encontrando-se quase completa — estado fenológico que indica a conclusão do processo de acumulação de azeite. No entanto, a polpa permanece ainda bastante rija, o que dificulta a extração eficiente do azeite. Com o sentido de ultrapassar a situação, alguns produtores e lagares que habitualmente colhem mais cedo para obter azeites de perfil mais verde, atrasaram as suas atividades cerca de uma semana em relação ao ano anterior. A pouca precipitação que se registou no início do mês contribuiu

para a reidratação das azeitonas e o aumento do seu calibre, que poderá justificar a previsão de um ligeiro acréscimo na produção face ao inicialmente estimado. No entanto, este aumento pode não refletir-se no rendimento. Os olivais intensivos encontravam-se em bom estado vegetativo, com os frutos em maturação. É estimada uma produtividade ligeiramente superior comparativamente à do ano precedente. Verificava-se uma boa qualidade dos frutos.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os olivais das variedades mais precoces estavam a entrar na fase final de síntese de azeite, sendo, contudo, menos evidente em olivais com uma carga de azeitona elevada. As variedades mais tardias apresentavam ainda a epiderme totalmente verde e teores de gordura mais baixos, em progressiva evolução. Na generalidade dos olivais espera-se na uma boa produção de azeitona, não sendo ainda possível estimar a qualidade e rendimento do azeite.

Na Grande Lisboa, a chuva que se fez sentir no final da primeira semana do mês provocou estragos nas variedades precoces e temporãs dos olivais não tratados, os quais foram atacados por gafa. Nesta altura a azeitona reidratou-se, mas no fim do mês voltou a estar sob *stress* hídrico. No final do mês as variedades precoces e temporãs, de um modo geral, atingiram a plena maturação fisiológica e, nas variedades mais tardias, os frutos iniciaram a sua completa coloração. Prevê-se o início da colheita das variedades mais precoces para o início de outubro. Apesar de se perspetivar uma produção abaixo do potencial produtivo previsto no início da floração, estima-se uma produtividade e qualidade superiores às registadas na campanha anterior, uma vez que na generalidade as pragas e doenças têm estado controladas com a aplicação dos devidos tratamentos preventivos. Relativamente ao rendimento da azeitona, perspetiva-se cerca de 3% a 4% superior ao da campanha anterior, apesar do interregno de três a quatro semanas no processo de maturação dos frutos, devido às elevadas

temperaturas que se fizeram sentir entre junho e agosto face a um ano dito normal.

Figueiral

No Médio Tejo, a colheita dos figos vindimos das variedades Pingo de Mel e Preto de Torres Novas estava concluída no final do mês. Houve um ligeiro atraso da colheita em relação a um ano normal. Registava-se uma redução da produtividade em relação à da campanha anterior. Contudo, a qualidade dos frutos é boa.

Na Grande Lisboa, em julho deu-se por finalizada a colheita dos frutos, com uma quebra de produção relativamente à do ano anterior, devido a estragos provocados pelas altas temperaturas a que foram sujeitos.



Culturas arvenses de sequeiro e regadio nomeadamente Milho, Arroz, Grão de bico, Feijão, Tomate (para indústria) e Girassol: estado vegetativo; disponibilidade de água para rega; andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

Milho

No Oeste, devido ao atraso na instalação da cultura de milho de sequeiro para grão, no final do mês as colheitas encontravam-se ainda numa fase muito inicial. Na maior parte das searas o grão estava a secar e apresentava ainda teores de humidade bastante elevados. A chuva verificada nos dias 27 e 28, embora não tenha sido abundante, contribuiu para aumentar o teor de humidade do grão, indo provavelmente atrasar a colheita. Com os preços baixos do milho (mais baixos do que no ano anterior), os produtores sentem necessidade de reduzir os custos com o serviço de secador, que podem ser consideráveis se o mesmo for colhido com níveis de humidade mais elevada, exigindo maior consumo de eletricidade. Estima-se uma produtividade

menor do que no ano anterior, com algum significado, devido a um conjunto de fatores, designadamente pela instalação tardia da cultura, pelas condições climatéricas de tempo quente e seco em julho e agosto que condicionaram o desempenho da cultura, e pela destruição com perdas significativas na produção, causada pela forte presença de javalis em alguns concelhos da região. Em algumas searas o grão apresentava um calibre inferior a um ano normal.

No Médio Tejo, a colheita do milho de regadio começou na última semana de setembro e decorria sem contratempos, beneficiada pela fraca precipitação registada. Devido ao atraso na sementeira, prevê-se que a colheita se estenda até meados de novembro. A produtividade nesta fase inicial da colheita apresentava-se inferior à do ano anterior, como consequência das temperaturas elevadas registadas em agosto. Este aumento térmico acelerou a floração do milho, comprometendo o desenvolvimento adequado das espigas e, consequentemente, afetando negativamente o rendimento da cultura. No entanto, qualidade do grão colhido tem sido boa. Na região, verificou-se uma redução das áreas semeadas com a cultura de milho (grão) comparativamente ao ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita do milho de regadio para grão iniciou-se a meio do mês nos primeiros campos semeados (final de abril). As perspetivas de produtividade evoluíram relativamente à estimativa do mês anterior, prevendo-se que seja mais baixa relativamente ao ano precedente. O milho já colhido apresentava teores de humidade muito baixos à saída do campo, o que será bastante benéfico para os produtores devido à redução de custos com a secagem.

Na Grande Lisboa, as searas de milho no final do mês tinham um desenvolvimento dentro do expectável, uma parte na fase de enchimento do grão e outra já em fase de secagem, perspetivando-se o início da colheita para meados de outubro (um mês mais tarde que o inicialmente previsto) e término em novembro.

Houve necessidade de intensificar a rega, com os consequentes custos acrescidos com gastos de energia. Prevê-se redução da produtividade devido a problemas de nanismo em áreas em que não foram efetuados os devidos tratamentos, pelos danos causados pelos javalis e pela presença de ácaros, situações que melhor se explanam no respetivo capítulo da “Fitossanidade: pragas e doenças” do presente relatório. Contudo, as condições climáticas foram favoráveis ao bom desenvolvimento da cultura. Em termos qualitativos, ainda não é possível estimar. No que diz respeito aos preços pagos ao produtor, tal como referido no relatório anterior, *“(...) estes são mais baixos que os praticados em 2024 e não são aliciantes para a prática da cultura, devido sobretudo à concorrência com os produtos importados de países terceiros (nomeadamente Brasil e EUA)”*. Não se registaram faltas de água para rega.

Na Península de Setúbal, a cultura encontrava-se no final do mês em diversos estados de desenvolvimento, de acordo com as épocas de sementeira. As mais avançadas em secagem do grão, em geral na maturação fisiológica, ponto negro e as searas mais atrasadas na fase de grão pastoso, com 2/3 de linha de leite. Ao longo do mês foi-se procedendo gradualmente ao corte de água à cultura (redução das dotações de rega) de acordo com os estados de desenvolvimento. As elevadas temperaturas permitiram antecipar a data de colheita relativamente ao anteriormente previsto, tendo-se iniciado a partir de final de setembro, prevendo-se que decorram até final de outubro ou princípio de novembro. O teor de humidade do grão aconselhável aquando da colheita é entre 18% a 20%, sendo necessário reduzir até 14,5% no secador, para efeitos de armazenagem do grão nas condições desejáveis. A colheita com humidade do grão inferior a 18%, com o objetivo de diminuição dos custos de energia no secador, tem desvantagens. Com a maçaroca muito seca, a máquina não consegue recolher a totalidade do grão, muito fica na terra. Relativamente à produção, aponta-se para que possa ser de boa qualidade e quantitativamente idêntica ou ligeiramente

inferior à da campanha anterior, mas ainda é cedo para estimar.

Arroz

No Oeste, a cultura encontrava-se bastante atrasada. Os campos mais adiantados apresentavam plantas na fase final do espigamento e os mais atrasados encontravam-se em pleno espigamento. O ano é atípico, com o ciclo da cultura a decorrer desfasado do período normal devido à instalação muito tardia. Prevê-se que a colheita arranque no início de novembro. Não existem ainda condições para avaliar a qualidade nem para estimar a produtividade. No entanto, não se perspetiva um ano bom devido ao desfasamento do ciclo da cultura relativamente ao período normal.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a maior parte da área instalada encontrava-se nas fases de espigamento e floração. Apenas as searas mais adiantadas, semeadas em maio, que representam uma pequena parte da área total, encontravam-se com o grão maduro, tendo sido iniciada a colheita no final do mês. Nestas é estimada uma produtividade semelhante à do ano anterior. Nas restantes, devido à heterogeneidade dos estados de desenvolvimento da cultura ainda é cedo para apresentar uma estimativa.

Na Grande Lisboa, em meados do mês iniciou-se a ceifa de algumas searas de arroz, mais precisamente as que haviam sido semeadas em finais de abril/princípio de maio, o que representa cerca de 10% da área total da região. Prevê-se a continuação das ceifas, que atingirão o seu auge por volta do dia 20 de outubro. Nos campos semeados em julho, que nesta campanha se impuseram instalar tardiamente devido à impossibilidade de mobilização dos terrenos que estavam encharcados na primavera, teme-se a falta de luz solar e as baixas temperaturas que possam vir a ocorrer nos meses de outubro e novembro e que, obviamente, irão comprometer a qualidade e rendimento do arroz, quando comparado com um ano dito normal.

Perspetiva-se uma produtividade inferior que a da campanha anterior. Em termos de qualidade, atendendo que a sementeira foi maioritariamente tardia, fora de ciclo normal, espera-se um arroz mais engelhado. De um modo geral o mês decorreu favoravelmente para a cultura do arroz. No que diz respeito aos preços pagos ao produtor, estes são muito baixos e não fazem face a conta de cultura, devido sobretudo à concorrência com o arroz importado de países terceiros (nomeadamente da América do Sul e China).

Na Península de Setúbal, no final do mês a cultura encontrava-se em geral na fase de maturação, com grão pastoso a ceroso, sendo expectável que no final do mês de outubro finalize a maturação do grão. Não ocorreram condicionamentos a nível de água para a cultura. Nos últimos dias do mês efetuou-se gradualmente o corte de água no canal de abastecimento aos canteiros com vista à secagem da cultura. Nalgumas áreas de sementeira mais precoce a colheita foi iniciada nos últimos dias do mês, sendo que a maior parte será efetuada a partir da segunda quinzena de outubro, com cerca de um mês de atraso comparativamente com um ano normal. Relativamente à qualidade e produtividade ainda é cedo para estimar, sendo que se prevê uma produção baixa e que o preço seja também baixo.

Grão de bico

No Oeste, o grão de bico encontrava-se colhido. Confirma-se a informação já avançada anteriormente de uma produtividade bastante menor do que a do ano anterior e grãos de calibre baixo.

No Médio Tejo, a colheita encontrava-se terminada. A produtividade foi bastante boa comparativamente ao ano anterior. Os grãos denotavam uma boa qualidade.

Na Lezíria do Tejo, a colheita encontrava-se terminada. Confirma-se o aumento de produtividade relativamente ao ano anterior, tendo em conta que o mesmo não foi bom. A produção apresentou boa qualidade.

Feijão

No Oeste, as colheitas de feijão para seco encontravam-se terminadas. A cultura na região é normalmente praticada por agricultores mais idosos, instalada em áreas muito pequenas e em regime de sequeiro. A área da cultura foi semelhante ao ano anterior, mas a produção foi significativamente inferior devido a uma acentuada descida de produtividade associada a uma menor floração e a problemas no vingamento. A instalação tardia e as condições climáticas verificadas durante o ciclo da cultura, condicionaram fortemente o desempenho da mesma. Embora alguma produção mais sujeita a *stress* hídrico apresentasse calibres mais baixos, a maior parte apresentou calibres idênticos ao ano anterior e uma qualidade considerada boa.

No Médio Tejo, as poucas áreas semeadas com a cultura que resistiram às adversas condições climáticas encontravam-se totalmente colhidas. A qualidade do feijão verificou-se fraca, predominando grãos pequenos e com sinais de deterioração. Em termos de quantidade, a produtividade foi inferior à do ano anterior.

Tomate para indústria

No Oeste, encontrava-se colhida cerca de 90% da área de tomate para a indústria, prevendo-se terminar nos primeiros dias de outubro. A quantidade de precipitação que se previa devido à passagem pelo território da depressão pós-tropical Gabrielle nos últimos dias do mês, não se verificou, o que permitiu manter o ritmo das colheitas e não haver degradação da qualidade da produção. Apesar do receio existente, não se verificou excesso de oferta de produção na fase mais intensa da colheita e consequente sobrematuração do tomate no campo. A antecipação da colheita em alguns campos teve um efeito bastante positivo na gestão da oferta, que decorreu em equilíbrio com a capacidade de laboração da indústria. As perdas de tomate verde no campo não foram relevantes e o benefício final revelou-se superior a essa perda.

O balanço é de um ano médio a bom em termos de produtividade, a qual se estima ser ligeiramente superior do que no ano anterior, bem como de uma produção de boa qualidade.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, durante o mês a colheita decorreu com um bom ritmo e com cerca de 80% da área já colhida. Relativamente à entrega da produção na indústria, verificaram-se alguns dias com limitações por motivo de gestão das unidades de transformação, mas nada que tivesse comprometido o desenrolar das colheitas ou a qualidade do produto colhido. O receio de sobreposição de maturação no campo acabou por não se verificar, devido à fluidez com que a colheita decorreu, prevendo-se que termine em meados de outubro, mais tarde do que o habitual. Estima-se uma produtividade semelhante à do ano passado e uma boa qualidade da produção. As temperaturas elevadas de agosto e de setembro não causaram perdas significativas de produção pelo efeito de escaldão. Alguns produtores anteciparam a colheita, de modo a evitar a depreciação da produção face aos riscos acrescidos decorrentes dos fatores climáticos potenciados pelo atraso da campanha. Esta opção implicou alguma perda de tomate verde deixado no campo, ainda a validar o seu impacto na produtividade no final da campanha. A redução do preço contratado com a indústria destacou-se como um aspeto negativo da campanha.

Na Grande Lisboa, durante o mês decorreu a colheita do tomate, que se prevê terminar até ao final da segunda semana de outubro. A qualidade dos frutos colhidos tem sido boa, com bons parâmetros de *brix* e cor. As necessidades de rega foram um pouco acima da normalidade nos dias que se fizeram sentir mais quentes. Em termos de produtividade, apesar da plantação ter sido de um modo geral tardia quando comparada a um ano menos chuvoso, dito normal, prevê-se idêntica. Apesar dos tratamentos que têm vindo a ser efetuados ao longo da campanha, constatarem-se algumas pragas, situação mais desenvolvida no respetivo capítulo da "Fitossanidade".

Tal como referido no relatório anterior, *"Nesta campanha o preço pago ao produtor desceu, muito provavelmente devido ao stock excedente da indústria o que, aliado a um ano complicado em termos de calendário de plantação, contribuiu para um aumento do risco económico a suportar pela produção"*.

Na Península de Setúbal, a colheita que tinha sido iniciada na primeira quinzena de agosto, decorreu ao longo do mês sem interrupções e deverá terminar nos primeiros dias de outubro. A qualidade do fruto colhido pode-se considerar em geral média/boa, dentro do desejável e exigido pela indústria, sem grandes problemas do ponto de vista sanitário, com calibres mais baixos, cor um pouco mais elevada e grau *brix* um pouco mais baixo relativamente à campanha anterior. Em termos de produtividade salienta-se o já referido decréscimo na quantidade colhida em algumas parcelas devido principalmente ao fungo do solo, *Fusarium*.

Girassol

No Oeste, já tinha sido iniciada a colheita de girassol, que ficará concluída apenas no início de outubro. Na área já colhida a produtividade foi boa, superior ao habitual na região. Na área por colher estima-se uma menor produtividade devido à perda de produção associada aos estragos que os javalis causaram na cultura. Ainda não foi possível aferir a qualidade.

Na Grande Lisboa, tal como referido no relatório anterior, *"(...) cultiva-se girassol após as culturas de outono inverno e maioritariamente (se não a totalidade) para multiplicação, ou seja, girassol para semente com destino à exportação para países europeus de influência mediterrânica. Esta opção prende-se com o facto de que a indústria se abastece com girassol importado, a preços mais baixos do que aqueles que a produção nacional consegue praticar por ter custos muito elevados. Por tal, é mais rentável para o setor produzir girassol para semente que, devido à sua excelente qualidade, é muito procurado por outros países com maior capacidade de produção para a alimentação"*.

No mês de setembro iniciou-se a colheita que se prevê terminar em outubro.

Melão

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, no final do mês a colheita estava concluída. A produtividade foi ligeiramente superior à do ano passado, que não foi um ano bom para a cultura. A qualidade é melhor do que a do ano anterior, tendo em conta os parâmetros de avaliação doçura/*brix*, textura e calibre.

Na Grande Lisboa deu-se por terminada a colheita de melão no mês anterior, com uma produtividade e qualidade superiores às do ano precedente.



Colheita das culturas de batata de sequeiro e regadio: como decorreu; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

No Oeste, o ano foi muito difícil para a cultura. O atraso considerável nas sementeiras de batata de sequeiro e de regadio condicionaram fortemente o desempenho da cultura, a qual se desenvolveu sob condições fitossanitárias bastante adversas na fase inicial do ciclo. Houve perda total de algumas searas de sequeiro, uma acentuada queda de produtividade no sistema de sequeiro e de regadio, a predominância de calibres médios ou médios baixos em ambos os sistemas da cultura, bem como a presença de mais defeitos nos tubérculos. No final do mês encontravam-se concluídas as colheitas de batata de sequeiro e as de regadio ficarão concluídas apenas no início de outubro. Perante estas condições estima-se uma descida com significado da produção global colhida na região, quer de sequeiro quer de regadio, e uma qualidade média no regadio e um pouco inferior no sequeiro. Além de ter sido um mau ano de produção, os agricultores confrontam-se com preços de comercialização inferiores ao ano anterior e com a disponibilidade no mercado de batata importada de França, Espanha e Holanda, a preços muito baixos.

No Médio Tejo, a colheita da batata de regadio para indústria encontrava-se praticamente concluída, tendo decorrido com normalidade. A campanha desenvolveu-se sob condições desfavoráveis, destacando-se o excesso de humidade no solo e a forte pressão de mildio. Estes fatores tiveram um impacto negativo na produtividade, que se verificou inferior à do ano passado.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita de batata de regadio para a indústria decorreu com normalidade e encontrava-se no geral terminada. A produtividade foi menor do que a do ano anterior, devido às adversidades climáticas e fitossanitárias verificadas no decurso da campanha. A qualidade é média, com calibres menores. Em termos de comercialização, não tem sido um ano favorável. A elevada produção em França provocou um aumento da oferta e uma descida dos preços.

Na Península de Setúbal, a colheita da batata de regadio terminou em julho. Conforme referido em relatórios anteriores: *"O mildio não se revelou muito problemático. O maior problema foi o excesso de humidade no solo, consequência das elevadas precipitações verificadas ao longo da campanha e que levaram ao apodrecimento de muita batata no campo, com consequências na qualidade, que foi fraca. De salientar que, à semelhança do que se verificou na campanha anterior, as primeiras colheitas foram de menor qualidade e de produção mais baixa, sendo que nas últimas colheitas a qualidade e a produção foram melhores. Relativamente ao preço, ocorreu um decréscimo do valor ao longo desta campanha, o qual está a ser significativamente inferior ao da campanha anterior."*

9 de outubro de 2025

DADOS METEOROLÓGICOS

	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Instituto Geofísico	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Vale Donas	Alvega
Temperatura máxima (°C)	32,6	26,9	33,4	31,8	34,2	37,8	37,5	36,5	36,3 ^{c)}	38,8
Dia	18	24	19	17	17	17	17	17	16	17
Valor médio da temperatura máxima (°C)	26,3	21,6	26,8	27,0	28,0	29,9	29,1	29,5	29,3 ^{c)}	30,9
Temperatura máxima normal para a época (°C)	25,9	—	26,3	26,6	28,1	29,0	29,0	29,5	—	30,2
Temperatura mínima (°C)	4,6	4,8	6,3	13,7	7,5	8,2	10,2	4,7	5,6 ^{c)}	3,4
Dia	23	26	23	22	26 e 27	22	27	23	27	22
Valor médio da temperatura mínima (°C)	12,1	12,4	13,6	17,3	14,6	13,3	14,5	12,0	13,1 ^{c)}	10,8
Temperatura mínima normal para a época (°C)	13,0	—	14,4	17,6	14,8	14,2	15,4	13,1	—	12,1
Temperatura média normal para a época (°C)	19,4	—	20,3	22,1	21,4	21,6	22,2	21,3	—	21,2
Horas de frio	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Rajada máxima de vento (Km/h)	47,5	55,4	65,5	64,4	52,6	45,0	50,8	46,4	47,2 ^{c)}	45,7
Dia	28	27	28	28	21	27 e 28	21	21	8	9
Número de dias com precipitação	7	9	7	4	4	12	6	2 ^(a)	3 ^{c)}	4
Precipitação acumulada no mês (mm)	32,1	23,0	19,2	24,8	16,9	13,3	11,6	14,4 ^(a)	18,9 ^{c)}	23,5
Precipitação normal para a época (mm)	38,1	—	31,2	38,6	31,2	30,5	25,2	33,4	—	32
Precipitação diária máxima no mês (mm)	15,5	16,8	8,7	19,9	12,0	9,1	7,0	14,1 ^(a)	12,4	13,6
Dia	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7
Humidade relativa média diária mínima (%)	58	59	43	33	36	50	34	30 ^(b)	49 ^{c)}	47
Humidade relativa média diária máxima (%)	90	96	97	98	87	100	90	90 ^(b)	84 ^{c)}	91
Humidade relativa média (%) do mês	74	85	74	66	65	80	64	63 ^(b)	70 ^{c)}	66

Notas:

Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

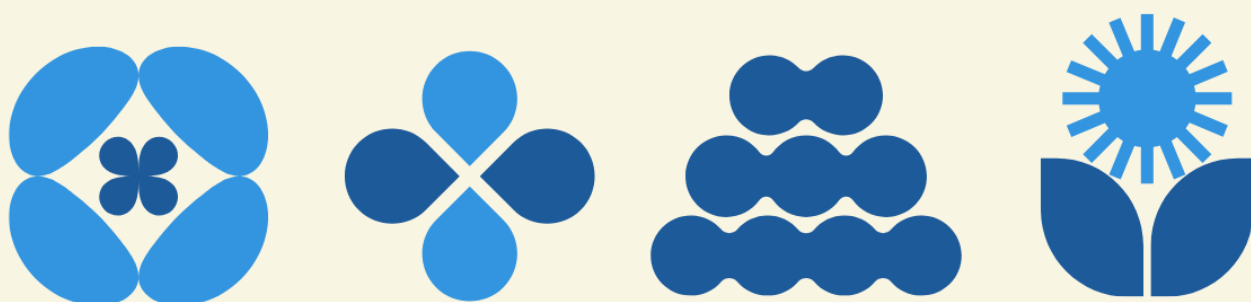
a) Falha de dados entre os dias 18 e 29, devido a entupimento no udómetro.

b) Os dados de humidade relativa média foram recolhidos na estação de Coruche/Cruz do Leão.

c) Falha de dados nos dias 17 a 25.

— Sem dados

Número de horas de frio: total de horas com temperaturas inferiores a 7,2°C acumulado, observado nas estações meteorológicas, desde 01 de outubro até 30 de abril (para fruteiras em Portugal Continental), atualizado diariamente até às 10h:30 UTC.



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.
RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT